

# É Fato ou é Fake? Notícias Falsas e Pós-Verdade no Ensino de Língua Portuguesa

## Is It A Fact or A Fake? False News and Post-Truth in The Teaching of Portuguese

## ¿Es Falso O Hecho? Noticias Falsas y Post-Verdad en La Enseñanza de La Lengua Portuguesa

Patrícia Graciela da Rocha

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Fabiana Biondo

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**Resumo:** As profundas mudanças nos modos de interação e de reconstrução de conhecimentos na chamada era da pós-verdade têm respondido pela disseminação em massa das notícias falsas, as famosas *fake news*. Um cenário que imprime ainda maior relevância ao trabalho com essas notícias, nas aulas de línguas na educação básica, a partir de gêneros discursivos que encarnam essa prática. Neste trabalho, discutimos o modo como a coleção de livros didáticos de língua portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental, da coleção utilizada na Rede Municipal de Ensino de Campo Grande/MS, aborda a temática das *fake news*, amparando-nos em trabalhos sobre esse fenômeno na condição da pós-verdade e em estudos sobre letramentos críticos. As análises revelam uma abordagem su-

perifical sobre o tema, pouco engajada com os letramentos críticos e com o desenvolvimento de agência transformadora sobre problemáticas sociais e opressoras, como as decorrentes da partilha de informações fabricadas.

Palavras-chave: fake news. pós-verdade. livros didáticos. língua portuguesa. letramentos críticos.

**Abstract:** Deep changes in the interactivity mode and in the reconstruction of knowledge within the so-called post-truth era have caused the mass dissemination of false news, or rather, the notorious fake news. The scenario has the biggest relevance on research on fake news in lessons on the portuguese language in fundamental education through discourse genres that confront such a practice. Current paper discusses the manner a set of handbooks on portuguese in the last years of primary education, namely the set used in the municipal teaching network of Campo Grande MS Brazil, deals with the fake news theme, foregrounded on research on the phenomenon within post-truth conditions and in studies on critical literacies. Analyses show a superficial approach to the theme, only slightly committed with critical literacies and the development of transforming agency on social and oppressive issues, such as those derived from sharing fabricated information.

Keywords: fake news. post-truth. handbooks. Portuguese language. Critical literacy.

**Resumen:** Los profundos cambios en los modos de interacción y reconstrucción del conocimiento en la llamada era de la posverdad han sido responsables por la difusión masiva de fake news, las famosas noticias falsas. Un escenario que le da aún más relevancia al trabajo con esta noticia, en las clases de idiomas de la educación básica, a partir de géneros discursivos que encarnan esta práctica.

En este artículo se discute cómo la colección de Libros Didácticos de Lengua Portuguesa para los últimos años de Educación Primaria, de la Colección utilizada en la Red de Educación Municipal de Campo Grande/MS, aborda el tema de las fake news, apoyándonos en trabajos sobre el fenómeno en la condición de posverdad y en estudios sobre literacidad crítica. Los análisis revelan un enfoque superficial sobre el tema, poco comprometido con el desarrollo crítico y el avance de una agencia transformadora de problemas sociales y opresivos, como los que resultan del intercambio de información fabricada.

Palabras clave: noticias falsas. posverdad. libros didácticos. lengua portuguesa. Literacidad crítica.

*Data de submissão: 30/09/2020*

Data de aprovação: 08/12/2020

## Introdução

O termo *fake news* é definido como uma “informação falsa e, em alguns casos, sensacionalista apresentada como um fato, publicada e disseminada na internet” (tradução – Dicionário Collins online). Isto é, uma notícia fabricada que se torna viral (chama a atenção e é amplamente compartilhada), tem como característica a desinformação, o boato e o apelo e que ocorre sobretudo em mídias sociais. Embora o termo em inglês remeta imediatamente à palavra notícia, um gênero discursivo da esfera jornalística, as *fake news* também aparecem em forma de meme, twitter, comentário etc. Nesse sentido, podemos dizer que elas são uma prática social que se distribui em alguns gêneros, sobretudo os digitais.<sup>1</sup>

Em nosso cenário político atual – tanto nacional quanto global –, as *fake news* acompanham, ao mesmo tempo que refletem, a ascensão do discurso anti-ciência<sup>2</sup>. Elas se transformaram em uma “verdadeira indústria de alta-produtividade, tornando-se terreno fértil para o império da pós-verdade” (PEROSA, 2017, *online*), no qual a manipulação de informações se desenvolve a passos largos, de forma a “arrebatar” os que estão menos preocupados em (re)conhecer os aspectos contextuais e ideológicos dessas informações do que em reforçar suas próprias crenças. Prova dessa produtividade e de suas implicações negativas é a recém lançada campanha contra *fake news* pelo Tribunal Superior Eleitoral brasileiro, que alerta para a importância de reconhecer notícias falsas, de não compartilhá-las e de votar conscientemente.<sup>3</sup>

Embora esse fenômeno tenha ganhado maior destaque recentemente, ele já vem sendo amplamente discutido no âmbito

1 - A fim de evitar tanto a aparente exclusividade do gênero notícia para a difusão de informações falsas quanto a relação direta com o campo do jornalismo, estudiosos da linguagem, como Raquel Recuero, por exemplo, vêm defendendo o uso da palavra “desinformação”, no lugar de *fake news*.

2 - Para uma ampliação do debate sobre os efeitos discursivos da circulação de termos como “verdade” e “ciência” na configuração de um ideal científico moderno e racionalista, sugerimos a leitura de Adorno e Silveira (2018).

3 - Mais informações em: [https://www.youtube.com/watch?v=hNQRrBfo\\_xg](https://www.youtube.com/watch?v=hNQRrBfo_xg). Acesso em: 23 set. 2020.

acadêmico, principalmente no campo da comunicação, diretamente atingido pelo aumento das *fake news*. Uma busca rápida desse termo no site de compras da amazon.com.br, na categoria “livros”, apresenta 3.000 resultados. São obras publicadas em várias línguas, em versão impressa e digital, dentre as quais as mais populares/vendidas, no Brasil, são: Barbosa (2019); Empoli (2019, traduzido); Deroza (2019); Rais et all (2018); D’Ancona (2018); Abboud, Nery e Campos (2018); Rais (2020); Campos Melo (2020); Kakutani (2018); Aidar e Alves (2019); Santos (2019); Figueira e Santos (2019); Faustino (2019); Horbach (2019); Sumpter (2019).

Para lidar com essa prática, os autores são unânimes ao afirmar que é preciso desenvolver e acionar o senso crítico das pessoas, principalmente em se considerando a cultura digital. A formação de indivíduos que leiam e construam significados de forma crítica, no âmbito dessa cultura, é uma tarefa que cabe também à escola, e lidar com *fake news* em sala de aula pode ser uma forma de apoiar os(as) alunos(as) na avaliação da veracidade das informações que circulam na internet. Um trabalho que pode ser realizado por meio do debate problematizador não só sobre a materialidade textual, mas sobre o complexo ideológico que alimenta e dissemina esse tipo de prática.

Nessa direção, a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) menciona que as alterações no consumo de informações em ambiente online tornam ainda mais relevante a promoção, nas escolas, de consciência e agência sobre o uso ético da internet, bem como discussões sobre esse tema. De acordo com a Base, o trabalho com as *fake news* deve integrar o currículo de língua portuguesa nos anos finais do ensino fundamental (6.º a 9.º anos), tomando os estudantes como personagens da cultura digital. Considerando que as habilidades e competências estabelecidas na BNCC são também critérios de avaliação do Programa Nacional do Livro e

do Material Didático (PNLD), tornou-se obrigatório que todas as coleções de Livros Didáticos (LD) de língua portuguesa para esse nível de ensino – avaliadas e aprovadas por tal programa, a partir do quadriênio 2020/2023 – contemplem o estudo das *fake news*. Resta discutir, no entanto, de que forma essas questões são/serão contempladas.

A partir desta problemática, refletimos aqui sobre o desafio de se trabalhar as *fake news* e a pós-verdade na Educação Básica, partindo da análise dos LD de língua portuguesa do 6.º a 9.º anos da coleção utilizada na Rede Municipal de Ensino de Campo Grande/MS (REME/CG), nosso *locus* de atuação. Para análise desse material, amparamo-nos em trabalhos sobre o fenômeno das notícias falsas na condição da pós-verdade e em estudos sobre letramentos críticos, que destacam a importância do trabalho crítico com as práticas de linguagem, de modo a não apenas identificar problemáticas sociais e opressoras, mas também a desenvolver agência transformadora sobre essas questões.

O trabalho está organizado da seguinte forma: inicialmente, apresentamos algumas discussões teóricas sobre a era da pós-verdade e as *fake news*, seguidas de aspectos sobre os letramentos críticos que, acreditamos, podem ser fundamentais na dinâmica de trabalho com as notícias falsas na escola. Na sequência, analisamos o modo como a coleção de livros didáticos de língua portuguesa selecionada aborda a temática, de forma a pontuar aspectos dos letramentos críticos que são, ou poderiam ser, contemplados na tentativa de ampliar as perspectivas interpretativas dos(as) alunos(as).

## A condição da pós-verdade e a proliferação de notícias falsas

Para Perosa (2017), aderir a informações falsas, mas que confirmam uma visão de mundo particular, é comum à cultura humana. Trabalhos de psicologia cognitiva chegaram a essa conclusão muito antes da chegada da internet ou do Facebook e destacam a potência das crenças pessoais (religiosas, políticas, etc.) na superação de argumentações factuais. Assim, ao nos confrontarmos com informações que contrariam nossas convicções, as chances de acatarmos novos dados como verdadeiros e de os aceitarmos são muito pequenas – o que os psicólogos cognitivos chamam de “viés de confirmação”.

De fato, essa tendência tem encontrado terreno fértil no campo das profundas mudanças nos modos de mediação que (des/re) organizam a produção de conhecimentos na atualidade e que entendemos por “pós-verdade”, conforme Cesarino (2020, no prelo). Para a autora, na condição epistêmica da pós-verdade, rompe-se com a visão de realidade/verdade ocidental e “qualquer enunciado pode ser potencialmente contestado por qualquer um, a um custo muito baixo” (p. 04). Tal condição se alinha, assim, ao discurso anti-ciência que mencionamos anteriormente, visto que em um âmbito de profunda desorganização epistêmica, em que os peritos e a comunidade científica perdem é a anterior confiança da sociedade – baseada no ideal objetivista de ciência –, diferentes realidades proliferam e desestabilizam “controles” antes estabilizados (CESARINO, 2020, no prelo).

Contrariando os ideais de diversidade e convivência com as diferenças, em seu aspecto mais amplo e progressista de democracia e solidariedade, tal condição tem corroborado com a proliferação de notícias falsas na atualidade – as afamadas *fake news*.

Para Santaella (2019, p. 29), estas costumam ser definidas como “notícias, estórias, boatos, fofocas ou rumores que são deliberadamente criados para ludibriar ou fornecer informações enganadoras” com o intuito de (re)orientar crenças, manipular as pessoas politicamente e/ou “causar confusões em prol de interesses escusos”.

Todavia, a desinformação e notícias mentirosas não são algo totalmente novo, visto que há registros dessa prática desde os tempos dos gregos (SANTAELLA, 2019; DELMAZO e VALENTE, 2018). Mas, mesmo que o fenômeno da enganação não tenha emergido apenas agora, como resultado “dos efeitos pretensamente maléficose da internet e suas redes de dispositivos, mídias, plataformas”, não devemos acreditar, ingenuamente, “que nada é novo sob os céus da internet”, o que pode ser contraproducente para a compreensão desse fenômeno na atualidade (SANTAELLA, 2019, p. 30),

O que há, então, de novo na prática da mentira no século XXI? Sem dúvida, o que difere agora é o grande alcance das *fake News*. Para Santaella (2019), com a ampliação da internet, das mídias sociais e culturas digitais, estamos tendo de lidar com a emergência de outras formas de publicação, de compartilhamento e consumo de informações, em geral pouco submetidas a normatizações editoriais. Sobretudo a partir das mídias móveis, pode-se publicar e interagir a qualquer tempo e em qualquer lugar; as várias modalidades de linguagem podem ser criadas, aceitas, discutidas e replicadas de muitas formas, por muitas pessoas e em plataformas diversas. (SANTAELLA, 2019).

Também Delmazo e Valente (2018) pontuam o potencial contexto de disseminação do ambiente online, no qual utilizadores de dados tendem a seguir a onda de grupos influentes e a privilegiar conteúdos que lhes são mais oportunos, compartilhados de forma muito rápida pela combinação dos algoritmos e com ausência de regras.

Outro fator a ser destacado, conforme Delmazo e Valente (2018), é a distância existente entre o partilhar dos links e a leitura realizada. A partir de dados estatísticos, o autor pontua que poucos leitores passam da leitura dos primeiros parágrafos de uma notícia (81% passam os olhos apenas no primeiro parágrafo, 71% chegam ao segundo, 63% ao terceiro e apenas 32% ao quarto). Também a qualidade da leitura é um ponto destacado pelo autor, pois, em geral, as pessoas não leem as notícias com atenção nem buscam fontes externas de verificação. Quando o fazem, costumam se pautar mais na lógica da popularidade que na da autenticidade.

Nesse universo digital, muitas vezes por falta de entendimento sobre como as redes funcionam ou por dificuldades com a grande quantidade de informações, tem se tornado complicado identificar a confiabilidade de notícias, conforme Santaella (2019). O que também se intensifica no âmbito da “crise de confiança” dos leitores de dados nas mídias tradicionais, sobretudo em função da percepção da tomada de posicionamento desses veículos no contexto das polarizações políticas (DELMAZO e VALENTE, 2018).

É também fato que a imprensa em geral sempre teve, e continua tendo, uma tendência para o sensacionalismo. Quanto mais trágica uma notícia, melhor. Mas, na moderna economia da atenção, essa tendência se intensificou, pois é facilmente perceptível a atração irresistível que o sensacionalismo exerce sobre as emoções humanas, o que está longe de ser uma invenção da internet, embora esta tecnologia tenha levado isso ao extremo, acrescentando agora a dificuldade de se diferenciar “o trágico factual<sup>4</sup> do trágico fantasiado” (SANTAELLA, 2019, p. 32).

De todo modo, como bem lembrou Santaella (2019), os benefícios e malefícios da internet dependem muito da aprendizagem do usuário e das suas escolhas, que devem se basear num esforço

4 - No livro “A pós-verdade é verdadeira ou falsa”, Lucia Santaella discorre sobre o conceito de verdade factual e o seu uso pelo jornalismo. Entretanto, não nos ateremos a essa diferenciação aqui.

consciente de avaliar a que tipo de informação ele está se expondo e de pensar criticamente se há engajamento em um campo ampliado de conteúdos. Entretanto, isso exige “que o usuário tenha tido uma formação educacional segura que o habilite a colocar seus preconceitos à prova” (p. 21). Para a autora, é no campo da educação que se pode depositar as esperanças acerca de uma preparação *para as mídias e nas mídias*, um processo que envolve a busca de “procedimentos adequados para os desafios tecnológicos, sociais, culturais e políticos que se apresentam e que não podem ser enfrentados com promessas mágicas e ingênuas” (p. 26).

A formação educacional para e nas redes é, assim, a chave para o desenvolvimento de habilidades que tornam o usuário confiante na tarefa de interrogar sobre a precisão de uma informação e desafiar representações injustas, visões extremistas, violências simbólicas e brincadeiras ofensivas. (SANTAELLA, 2019, p. 28)

A nosso ver, trata-se de um processo que, nas aulas de línguas, pode ser realizado tendo como base perspectivas dos letramentos críticos, que vêm pontuando, já há bastante tempo, a importância do trabalho com a diversidade (culturais, sociais, políticas, etc.) nas escolas, não apenas no sentido de reconhecê-las e respeitá-las, mas sim como o próprio princípio educacional, na direção da formação de uma agência comprometida com a democracia. Na sequência, pontuamos alguns aspectos dos letramentos críticos que nos orientam nas análises do tratamento dado às *fake news* pela coleção de livros didáticos selecionada.

## Letramentos críticos

Entre os princípios de um trabalho realizado com base nos letramentos críticos, está a configuração de aprendizagens, em aulas de línguas, que tenham por base o design e o *redesign* (*designing* e *redesigning*), também apontados na pedagogia dos multiletramentos (COPE e KALANTZIS, 2009). Em termos bastante gerais, trata-se de considerar os recursos culturais e contextuais disponíveis em padrões e convenções específicas (*design*) para a construção de significados em “atos de significar” (*designing*), ou de ressignificar (*redesigning*) o mundo social – processos de projetar e reprojeter significados e de recriar universos e possibilidades de ser, de existir e de interagir.

Dito de outro modo, trata-se de lidar com os “repertórios” culturais e sociais dos estudantes, considerando sua formação pessoal e auxiliando-o a ir além, ampliando suas possibilidades interpretativas em função do contato com outros repertórios, outras culturas, outras possibilidades de enxergar o mundo, aos outros e a si mesmo. Na tarefa de ler, reler e desler as informações que lhes são oferecidas (MENEZES DE SOUZA, 2011), a formação pautada nos letramentos críticos tem como meta o desenvolvimento da agência das pessoas no lidar com essas informações, de modo a identificar relações de poder e a atuar em sua ressignificação (*redesigning*).

Dessa forma, desenvolver o letramento crítico envolve não apenas identificar sentidos outros na aparente neutralidade textual ou, mesmo, questões de poder; envolve uma compreensão do autor de um texto e de seus leitores como sujeitos imbricados “no mundo” e “com o mundo”, sujeitos sociais cujas subjetividades foram construídas com base em relações dualistas que separam o “eu” do “outro” ou o “nós” dos “eles”, desenvolvendo consciência

histórica (MENEZES DE SOUZA, 2011.p. 131) sobre essas relações e sobre suas implicações na vida social e em mundos coletivos/particulares.

Para Luke (2012), a partir das ideias de Paulo Freire e de outras perspectivas críticas e discursivas, os letramentos críticos atuam nessa direção não apenas por meio dos textos escritos, mas também de outras linguagens e meios de produção de significados, no lidar com a análise, a crítica e a transformação de padrões e de regras sobre práticas que costumam governar nosso dia-a-dia e nossas lutas sociais. Conforme o autor, essas transformações só podem se consolidar por meio da difusão de todo tipo de conhecimento, muitos deles tradicionalmente trancafiados a sete chaves em instituições de poder. No âmbito da instituição escolar, parece-nos bastante claro que determinados conhecimentos permanecem trancafiados, em favor do trabalho com outros tradicionalmente consolidados no processo (projeto?) de escolarização unificador da identidade nacional.

Na contramão desse projeto, o trabalho com os letramentos críticos visa a promover aprendizagens pautadas nas habilidades de (re)conhecer as várias leituras e narrativas possíveis, de analisar, de ler e de reler (e desler, conforme MENEZES DE SOUZA, 2011) normas e padrões pré-estabelecidos, aparentemente naturais e essencialmente hegemônicos. Visa, ainda, a propiciar aprendizagens que conectem os aspectos políticos, socioculturais e históricos que perpassam os textos/a produção de linguagens/discursos, de modo a atentar para os interesses envolvidos nessa produção (LUKE, 2012).

Tal abordagem, que passa a ganhar escopo no Brasil desde a década de 70, comporta o lidar, de igual modo, com as vozes dos(as) alunos(as) e dos(as) professores(as), com seus múltiplos repertórios culturais e com os aspectos ideológicos e discursivos

compreendidos na produção de linguagens. Todos esses aspectos, vale dizer, costumam ser compreendidos no campo dos letramentos críticos como forma de trabalhar a educação inclusiva e de questionar as bases do sistema capitalista e colonialista que respondem pela marginalização social.

Ao que nos parece, portanto, trata-se de uma perspectiva importante para lidar, na escola, com o fenômeno das *fake news*, que ganha dimensão gigantesca pela maquinaria da internet em uma sociedade que não foi/é ensinada a ler para além das materialidades linguísticas dos textos e de sua própria forma de enxergar o mundo/a realidade. Conforme lembraram recentemente Souza e Monte Mór (2018), o crescimento da intolerância em tempos atuais vem nos obrigando a repensar a crítica, juntamente com as transformações sociais, políticas, culturais e tecnológicas da cultura online e da pós-verdade.

Para Castells (1999, p. 40), já há algum tempo que o avanço das redes computacionais tem nos feito refletir sobre a criação de “novas formas e canais de comunicação”, que estruturam a vida e são estruturados por ela. Entre outros aspectos, isso se dá pela flexibilização dos limites espaço-temporais intensificadas de modo sem precedentes pelas tecnologias digitais, sobretudo as móveis, como também destacou Bauman (2001). E é justamente nesse cenário que as notícias falsas proliferam, amparadas na pouca base de criticidade dos sujeitos, que estão um tanto quanto perdidos no confronto com a alteridade ampliado em ambientes online e diluído nas polarizações políticas mais atuais.

Assim, torna-se fundamental identificar e considerar as diversas ideologias que se manifestam nas práticas de letramento (MONTE MÓR, 2008; 2014), promovendo o letramento crítico e a habilidade crítica. Esta última, para Monte Mór (2015, p. 45), desenvolve-se junto com a habilidade de construção de sentidos e se

traduz por meio de “habilidades de percepção social, de construção de sentidos, do reconhecimento de outras formas de construção de conhecimento (diferentes das tradicionais e legitimadas), de promoção de agência e de cidadania ativa”.

É com base nessa perspectiva educacional de trabalho com as línguas/linguagens na escola que fundamentamos a análise do tratamento das *fake news* nos livros didáticos de interesse a este trabalho.

## Notícias Falsas nos LD da Geração Alpha

Dentre as coleções de LD aprovadas e distribuídas no Brasil pelo PNLD/2020, optamos por analisar a coleção Geração Alpha, que é a utilizada na REME de Campo Grande/MS – nosso lugar de atuação enquanto formadoras de professoras(es) de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Um primeiro fato a se notar sobre essa coleção, especificamente nos 4 volumes de língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental (6o, 7o, 8o e 9o anos), é que apenas no livro do 9o ano há menção ao tema das *fake News*, e somente em uma das suas unidades, composta de dois capítulos (Unidade 6 – pág. 190 a 224). Um fato lamentável, a nosso ver, pois, dada a urgência da problemática para a formação cidadã democrática na atualidade, as *fake news* poderiam ser tratadas paulatinamente, e com regularidade, desde os primeiros anos da Educação Básica. Sobretudo porque a grande maioria dos(as) alunos(as) que chega a esse nível de ensino hoje já é usuário veterano de redes sociais e, logo, pode estar em contato com os boatos fabricados na/para a internet.

A Unidade 6 do livro do 9o ano, em que o tema é abordado, é dedicada ao estudo de dois gêneros textuais: Artigo de opinião e Lei. O primeiro capítulo da Unidade 6 recebe o título de “Argumentos que geram reflexão” e se inicia com um texto publicado em

2017 no site Observatório da Imprensa<sup>5</sup>, intitulado “Das *fake news* ao fenômeno ‘slow news’” cujo autor é Carlos Castilho<sup>6</sup>, jornalista, professor universitário, pós-doutor em comunicação e editor do referido site. No texto, o autor se posiciona a respeito do fenômeno sugerindo que as *fake news* podem ser combatidas com a consolidação de uma nova tendência no jornalismo: as *slow news*, que têm como característica principal o cuidado com a apuração das informações na produção de notícias. Embora o texto traga informações importantes, está focado nas notícias falsas no campo da comunicação e não trata de questões políticas e ideológicas envolvidas na sua produção e disseminação, nem problematiza o fato de que qualquer pessoa pode, hoje em dia, ser um produtor e um disseminador dessas informações nas mídias sociais.

Logo após o texto, o LD traz uma lista de perguntas de interpretação e compreensão que versam sobre o entendimento de palavras e expressões presentes no texto e, principalmente, sobre a forma e a estrutura do gênero artigo de opinião. Em seguida, traz uma seção intitulada Contexto de Produção, na qual há perguntas acerca do objetivo, da temática e do público alvo do site Observatório da Imprensa, além de questões acerca do autor do texto utilizado no início da Unidade 6. Ao final dessa seção, há duas perguntas que chamam a atenção por buscarem contextualizar o fenômeno da produção de notícias falsas:

14. Releia o sexto parágrafo do artigo de opinião e responda às questões a seguir:
- Quando o autor menciona os “últimos episódios envolvendo Donald Trump”, ele apresenta informações sobre quais são esses episódios?
  - O que a menção a esse fato revela sobre os leitores do artigo e sobre a época em que o artigo foi publicado?

**Excerto 1:** *Questões de interpretação retiradas do LD*  
**Fonte:** Nogueira, Marchetti e Cleto (2019, p.194)

5 - Texto disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/das-fake-news-as-slow-news/>. Acesso em: 23 set. 2020.

6 - Docente no Centro Universitário Facvest, Pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (POSJOR), na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2702327796359576>

Como possibilidade de resposta, dada somente no livro do professor, aparece a seguinte informação:

14. a) não há informações sobre esses episódios.  
b) a falta de mais detalhes revela que os leitores, provavelmente, estavam inteirados a respeito dos acontecimentos e revela, também, que esses episódios eram muito comentados na época da publicação do artigo, gerando intenso debate social. Professor, se necessário, contextualize as eleições à presidência dos EUA em 2016, quando Donald Trump foi eleito.  
Se achar apropriado, após a atividade 14, explique aos alunos que, no final de 2016, Donald Trump foi eleito presidente dos Estados Unidos depois de uma corrida eleitoral marcada por *fake news*.

*Excerto 2: Orientações ao professor retiradas do LD*  
*Fonte: Nogueira, Marchetti e Cleto (2019, p.194)*

Antes de tudo, é importante lembrar que o LD analisado foi publicado em 2018, ano das eleições presidenciais no Brasil, o que, provavelmente, impossibilitou que os(as) autores(as) utilizassem textos e exemplos acerca do uso de *fake news* em campanhas eleitorais aqui do país, as quais seguiram praticamente as mesmas estratégias antidemocráticas utilizadas nos EUA. Isso aponta para a necessidade de o(a) professor(a) atualizar os dados e os fatos acerca dessa temática bastante polêmica e de extrema relevância, no momento em que estiver trabalhando com esse conteúdo em sala de aula. Além disso, já se passaram 4 anos da eleição de Trump, estamos em 2020, ano eleitoral nos EUA e marcado pela pandemia do COVID 19, que tem gerado grande transformação na vida das pessoas, além de grandes embates políticos e sociais. Tais circunstâncias têm sido terreno fértil para a produção de muitos outros tipos de *fake news*, que versam sobre medicamentos que “curam” a doença, vacinas, procedimentos caseiros que “imunizam”, dentre outros que contribuem para a desinformação.

Isso acaba por alocar ao(à) professor(a) a responsabilidade não só por uma constante atualização acerca dos fatos do panorama político e social, mas uma postura de pesquisador e uma

atitude crítica diante dos acontecimentos e das estratégias políticas contemporâneas. Além disso, exige muita coragem e confiança para tratar de questões ideológicas sem que seu discurso se torne partidário. Todavia, essa é uma tarefa da qual não se pode esquivar se o objetivo educacional é pautado no desenvolvimento da compreensão e agenciamento sobre jogos de manipulação utilizados não só na esfera política, mas na esfera jornalística, publicitária etc.

Nessa direção, destacamos outro texto do LD, seguido de 2 questões:

A disseminação de notícias falsas gera desorientação no público e um contexto de incerteza e dúvidas, como você leu no artigo de opinião. Diante desse fenômeno, é preciso repensar as responsabilidades de cada setor social.

1 Como verificar a veracidade de um conteúdo antes de compartilhá-lo?

2 De que maneira você e os colegas podem ajudar a conscientizar a comunidade sobre a necessidade de checar a veracidade de informações que circulam na internet?

*Excerto 3: Informação com responsabilidade*

*Fonte: Nogueira, Marchetti e Cleto (2019, p.195)*

Para o texto do excerto 3, o LD traz uma sugestão de atividade complementar, no livro do professor:

Sugira aos alunos a criação de um mural com artigos de opinião. Primeiramente peça a cada aluno que pesquise, em casa, artigos de opinião veiculados em revistas e jornais sobre o tema *fake news*. No dia combinado para a atividade, peça que levem os textos para a sala e que se organizem em grupos de cinco alunos. Os grupos deverão analisar os recursos argumentativos utilizados em cada texto para selecionar os artigos de opinião que farão parte do mural. Com base nessa análise, eles deverão selecionar os artigos que farão parte do mural. O material selecionado pela turma poderá ser utilizado como referência adicional para a atividade de produção de artigo de opinião na seção *Agora é com você!*

*Excerto 4: Atividade Complementar*

*Fonte: Nogueira, Marchetti e Cleto (2019, p.195)*

Embora as questões propostas no excerto 3 direcionem o olhar para a desconfiança em relação às informações recebidas, o que julgamos fundamental na promoção do letramento crítico,

sugerindo verificação de veracidade e ajuda na conscientização (agenciamento?) da sociedade acerca disso, não há indicações, nem mesmo no material do professor, sobre como poderiam fazer isso. A Atividade Complementar, por sua vez, abre espaço para que o(a) professor(a) dê mais atenção à questão da responsabilidade do usuário de mídias digitais e também para que textos atuais sejam trazidos para o debate em sala de aula, gerando um produto bastante interessante e útil: um mural na escola com artigos de opinião ((re)designing). Entretanto, caberá ao(a) professor(a) a decisão de realizar este trabalho de produção ou não, já que essa informação está disponível apenas em seu material de apoio. Além disso, não há indicações, mesmo nesse material, sobre o modo de seleção das informações que deverão integrar o mural, nem sobre a problemática da produção dessas notícias – apenas de sua disseminação. As lacunas que ficam, e que apenas cada prática educacional poderá (ou não) ampliar, são relacionadas à reflexão crítica sobre os aspectos ideológicos e as relações de poder que se entrelaçam à materialidade textual dos artigos de opinião, bem como à efetiva promoção de agência comunitária.

Outra informação importante que está disponível somente para o(a) professor(a) é a indicação do site Politize<sup>7</sup>, com o direcionamento para um excerto do artigo Notícias falsas e pós-verdade: o mundo das *fake news* e da (des)informação (MERELES, 2017). A leitura na íntegra desse texto permitiria aos(as) alunos(as) aprofundarem-se um pouco mais na discussão acerca da temática apresentada, saindo da superficialidade da prática das *fake news* para entendê-la no universo mais amplo do que se tem chamado era da pós-verdade. Embora o texto seja bastante introdutório a respeito da temática, ele é acessível a alunos(as) da Educação Básica e abre tópicos de discussão muito relevantes que estão dire-

7 - [www.politize.com.br](http://www.politize.com.br)

tamente relacionados ao fenômeno: “*Fake news*: afinal, o que são notícias falsas?; Pós verdade: o que tem a ver com as notícias falsas?; Qual o real impacto das notícias falsas na política?; O caso da eleição dos Estados Unidos; Notícias falsas no Brexit; O fenômeno das *fake news* no Brasil; Qual o papel da imprensa com as notícias falsas no mundo da pós-verdade?; Porque notícias falsas são feitas? e Vamos combater notícias falsas?” (NOGUEIRA, MARCHETTI e CLETO, 2019, p.195). Além disso, o site indicado traz um vídeo de 6 minutos, com uma linguagem jovial e descontraída, que ensina algumas formas de identificar notícias falsas e também duas indicações de obras como sugestão de aprofundamento do tema pós-verdade: D’Ancona (2018) e Kakutani (2018).

Esse excerto do texto de Mereles (2017) é o único lugar do LD onde encontramos a palavra “pós-verdade”, ou seja, no conteúdo destinado exclusivamente ao(à) professor(a). Para Santaella (2019), deixar de discutir a pós-verdade é ignorar a crise de valores ligada à sobredeterminação emocional humana e à carência de debates sobre o efeito consensual provocado pelas mídias sociais e fomentado pela lógica dos algoritmos – estes que, mesmo ajustados, são incapazes de resolver um problema de ordem muito maior: o desfalque das democracias representativas.

Devemos lembrar que o público alvo do LD analisado são estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, ou seja, jovens com idade média entre 14 e 16 anos que já têm a possibilidade de se posicionar politicamente e, inclusive, votar (entre 16 e 18 anos o voto é facultativo no Brasil). Isso aumenta a responsabilidade da escola de promover debates emancipatórios acerca das ações humanas e de questões políticas, sociais, econômicas, históricas etc., sejam elas polêmicas ou não.

Sobre a animosidade das divergências políticas, Fisher et al. (2017, 2018, apud SANTAELLA, 2019), afirmam que ela tende a se

intensificar no âmbito das mudanças provocadas pelas mídias digitais quanto à produção e consumo de informações – estas, muitas vezes, personalizadas ao gosto político de determinados grupos e/ou pessoas. Para os autores, quanto mais indignação e emoção, mais determinados conteúdos têm chances de se proliferar nos ambientes da internet, sobretudo naqueles que os autores reconhecem como “tóxicos”, nos quais não importa a construção de argumentos, e sim ganhar a discussão.

Em seus estudos, nos quais adultos participavam *on-line* de conversações políticas polarizadas sobre temas polêmicos, os autores puderam constatar que quanto mais as pessoas argumentam para vencer, mais sentem que há uma única resposta objetivamente correta e que todas as outras são equivocadas. Por outro lado, quanto mais os indivíduos argumentam para aprender, mais sentem que não há uma única verdade objetiva e que diferentes respostas podem ser igualmente corretas.

Sendo assim, consideramos que a escola é o lugar onde as pessoas supostamente argumentam para aprender, então ela pode e deve proporcionar um ambiente possível para a educação para a pluralidade de ideias e ações, bem como para o respeito aos direitos individuais e coletivos. Isto é, a sala de aula não pode ser mais um lugar onde as pessoas argumentam para vencer, mas para aprender.

Notamos, assim, que a Unidade do LD sob análise destinada às *fake news* apresenta uma seção de leitura e outra produção de texto acerca da temática, para iniciar o trabalho com o texto Marco Civil da Internet, discutido no segundo capítulo da Unidade 6, intitulado de “Palavras que viram lei”. As seções “Língua em estudo” e “A língua na real” dedicam-se às regências verbal e nominal, a partir do texto base.

A seção de leitura, intitulada “Uma coisa puxa outra”, apresenta dois infográficos elaborados pelo Senado Federal, e publicados no Facebook, sobre estratégias de como identificar *fake news*<sup>8</sup>:



Imagem 1: Infográficos sobre fake news  
Fonte: Nogueira, Marchetti e Cleto (2019, p.196-197)

Logo após esses infográficos, o LD traz 5 atividades de interpretação e compreensão de textos que versam sobre as funções e atribuições do Senado Federal e sobre a composição formal, elementos visuais e lugar de veiculação dos infográficos. Dentre elas, destacamos a questão 3 e a sugestão de resposta no manual do professor, que versa sobre a ideia de “absurdo”:

3. c) Por que a notícia do infográfico II pode ser considerada absurda?  
Por que a lei da gravidade, apesar de ter a “lei” no nome, não se trata de uma norma criada pelo ser humano, trata-se de uma lei física, que não pode ser revogada.

Excerto 5: Atividade sobre infográficos  
Fonte: Nogueira, Marchetti e Cleto (2019, p.197)

Esta atividade poderia ser uma excelente oportunidade para aproximar a pós-verdade do discurso anti-ciência, ou do ataque à ciência, que estamos presenciando em nosso tempo, sobretudo

8 - Senado Federal. Disponível em: <<http://facebook.com/SenadoFederal/fotos/a.176982505650946/1960092584006587/?type=3&theater>> e <<https://www.facebook.com/SenadoFederal/photos/a.176982505650946/2428743847141456/?type=3&theater>> Acesso em 14/09/2020.

nas redes sociais na internet. Diante de “teorias” que vão do terraplanismo à mamadeira de piroca, é preciso, mais do que nunca, discutir esses fenômenos na escola. Além disso, é importante lembrar que “não basta checar os fatos, é preciso desmascarar os interesses que estão em jogo por trás desses sites ou posts” (ZUCKERMAN apud PEROSA, 2017, s/n). E é neste ponto, a nosso ver, que reside uma vez mais a pouca profundidade do trabalho com as *fake news* no LD sob análise (e na coleção como um todo, tendo em vista que apenas um dos livros aborda a temática). Isso, pois, para além da questão posta para que o(a) professor(a) fomente o debate, são apagadas as proposições políticas, históricas e ideológicas que configuram a criação e a (des)crença em informações fantasiosas e nas ciências<sup>9</sup>.

Ainda na Unidade parcialmente dedicada às *fake news*, tem-se uma proposta de produção textual que direciona o(a) aluno(a) a escrever “um artigo de opinião sobre caminhos possíveis para combater a divulgação de *fake news*” (NOGUEIRA, MARCHETTI e CLETO, 2019, p. 204), o que se sugere que seja feito depois de uma roda de conversa acerca do tema a ser realizada nas aulas. Para intensificar o debate, os(as) autores(as) sugerem que os textos sejam compartilhados em um *blog* da turma para que toda a comunidade escolar possa conhecer o que produziram. Nesta atividade, a nosso ver, abre-se um campo profícuo para a realização de um trabalho crítico com os(as) estudantes(as). O que só poderá se efetivar (ou não) em práticas contextualizadas de trabalho com o material didático analisado.

Remetendo à pergunta do título deste artigo, é *fato* que a coleção trabalha com as *fake News*, mas também é *fake*. A esse respeito, nossas reflexões incidem tanto sobre a quantidade, quanto em relação à profundidade do que é proposto. Como intentamos mostrar, nessa breve análise, o material traz possibilidades restri-

9 - Assim, no plural e em letras minúsculas, tal qual compreendemos ciências.

tas para que se desenvolva o letramento crítico e o agenciamento dos(as) alunos(as) sobre as questões propostas. Além disso, o conceito de pós-verdade e outros aspectos sociais e históricos essenciais à abordagem do tema estão restritos ao material de apoio do(a) professor(a), evidenciando a necessidade de uma formação de professores(as) atualizada e também crítica, como no caso do(a) profissional da área de Letras.

Para nós, o processo educativo pessoal, coletivo e público ainda é uma proteção, um antídoto, não só para a identificação daquilo que é “falso”, mas também para a compreensão dos objetivos que envolvem o trabalho de produzir desinformações e o desenvolvimento de ações mais democráticas. Ou seja, para o desenvolvimento da habilidade democrática de fazer sentido, confiar e compreender o papel de cada um(a) e de todos(as) em um mundo em metamorfose (SANTAELLA, 2019).

## Considerações finais

Buscamos problematizar o tratamento da desinformação, famosas *fake News*, na coleção de livros didáticos de língua portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental adotada pela REME Campo Grande-MS, entrelaçando nossas análises a estudos sobre a fabricação de notícias falsas na internet, sobre a pós-verdade e sobre letramentos críticos que, a nosso ver, poderiam apoiar uma educação para e nas mídias. Para isso, apresentamos a problemática das notícias falsas em seu potencial amplamente intensificado pelas ações políticas antidemocráticas, pelas mídias digitais e pela polarização das crenças na dinâmica da pós-verdade, buscando pensar em estratégias educacionais para a superação/ressignificação de formas de lidar com esse fenômeno na atualidade.

Reconhecidos os limites de todo material didático para o trabalho com letramentos em sala de aula, as análises da coleção focalizada mostraram que, de fato, as *fake news* são trabalhadas no LD do 9o ano, atendendo às demandas oficiais a propósito dessa temática nos anos finais do ensino fundamental. Mas, a abordagem nos livros é pequena, ainda bastante superficial e permite pouco engajamento com os letramentos críticos. Também há pouco espaço, nesses materiais, para trabalhar com o agenciamento a propósito das implicações extremamente negativas da produção e da disseminação de informações falsas para a construção da cidadania democrática e de relações políticas e intersubjetivas mais igualitárias. As análises convocam, portanto, para a ampliação do debate na educação básica e para a formação do(a) professor(a) para atuar na dinâmica da pós-verdade.

## Referências

ABBOUD, G; NERY JR. N; CAMPOS, R. **FAKE NEWS E REGULAÇÃO**. SÃO PAULO: TOMSOM REUTERS - EDITORA REVISTA DOS TRIBUNAIS, 2018.

ADORNO, G.; DA SILVEIRA, J. PÓS-VERDADE E FAKE NEWS: EQUÍVOCOS DO POLÍTICO NA MATERIALIDADE DIGITAL. ANAIS DO SEAD, v. 8, p.1-6, 2018. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://PHILPAPERS.ORG/ARCHIVE/ADOPEF.PDF](https://philpapers.org/archive/ADOPEF.pdf). ACESSO EM: 01 SET. 2020.

AIDAR, F E ALVES, J.F. **COMO NÃO SER ENGANADO PELAS FAKE NEWS**. SÃO PAULO: EDITORA MODERNA, 2019.

BARBOSA, M. (ORG.) **PÓS-VERDADE E FAKE NEWS**: REFLEXÕES SOBRE A GUERRA DE NARRATIVAS. RIO DE JANEIRO: EDITORA COBOGÓ, 2019.

BAUMAN, Z. **MODERNIDADE LÍQUIDA**. RIO DE JANEIRO: JORGE ZAHAR, 2001.

CAMPOS MELO, P. **A MÁQUINA DO ÓDIO**: NOTAS DE UMA REPÓRTER SOBRE FAKE NEWS E VIOLÊNCIA DIGITAL. RIO DE JANEIRO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2020,

CASTELLS, M. **A SOCIEDADE EM REDE. A ERA DA INFORMAÇÃO: ECONOMIA, SOCIEDADE E CULTURA.** 2.ED., TRAD.: RONEIDE VENANCIO MAJER. SÃO PAULO: PAZ E TERRA, 1999.

CESARINO, L. PÓS-VERDADE: UMA EXPLICAÇÃO CIBERNÉTICA (PREPRINT). ARTIGO A SER PUBLICADO NO DOSSIÊ "VII REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA", DA **REVISTA ILHA.** 2020.

CLARK, N. **QUEM INVENTOU A PÓS-VERDADE?** DISPONÍVEL EM: [HTTPS://OUTRASPALAVRAS.NET/GEOPOLITICAEGUERRA/QUEM-INVENTOU-A-POS-VERDADE/](https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerre/quem-inventou-a-pos-verdade/), 2016. ACESSO EM: 01 SET. 2020.

COPE, B.; KALANTZIS, M. MULTILITERACIES: NEW LITERACIES, NEW LEARNING. PEDAGOGIES: **AN INTERNATIONAL JOURNAL**, v.4(3), 2009A, PP. 164-195. DISPONÍVEL EM: [HTTP://NEWLEARNINGONLINE.COM/KALANTZISANDCOPE/RESEARCH-AND-WRITING/](http://newlearningonline.com/kalantzisandcope/research-and-writing/). ACESSO EM: 05 AGO. 2020.

D'ANCONA, M. **PÓS-VERDADE: A NOVA GUERRA CONTRA OS FATOS EM TEMPOS DE FAKE NEWS.** SÃO PAULO: FARO EDITORIAL, 2018.

DELMAZO, C; VALENTE, J. C. FAKE NEWS NAS REDES SOCIAIS ONLINE: PROPAGANÇA E REAÇÕES À DESINFORMAÇÃO EM BUSCA DE CLIQUES. **MEDIA & JORNALISMO**, v. 18, n. 32, p. 155-169, 2018.

DEROSA, C. E DEROSA, M. **FAKE NEWS: QUANDO OS JORNAIS FINGEM FAZER JORNALISMO.** FLORIANÓPOLIS: EDITORA ESTUDOS NACIONAIS, 2019.

EMPOLI, G. **OS ENGENHEIROS DO CAOS: COMO AS FAKE NEWS, AS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO E OS ALGORITMOS ESTÃO SENDO UTILIZADOS PARA DISSEMINAR ÓDIO, MEDO E INFLUENCIAR ELEIÇÕES.** TRADUÇÃO ARNALDO BLOCK. SÃO PAULO: EDITORA VESTÍGIO, 2019.

FAUSTINO, A. **FAKE NEWS: A LIBERDADE DE EXPRESSÃO NA REDES SOCIAIS NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO.** SÃO PAULO: LURA EDITORIAL, 2019.

FIGUEIRA, J; SANTOS, S. **AS FAKE NEWS E A NOVA ORDEM (DES)INFORMATIVA NA ERA DA PÓS-VERDADE.** COIMBRA: COIMBRA UNIVERSITY PRESS, 2019.

HORBACH, L. O. **FAKE NEWS**: LIBERDADE DE EXPRESSÃO, INTERNET E DEMOCRACIA. RIO DE JANEIRO: LUMEN JURI, 2019.

KAKUTANI, M. **A MORTE DA VERDADE**: NOTAS SOBRE A MENTIRA NA ERA TRUMP. TRADUÇÃO: ANDRÉ CZARNOBAI E MARCELA DUARTE. RIO DE JANEIRO: EDITORA INTRÍNSECA, 2018.

LUKE, A. CRITICAL LITERACY: FOUNDATIONAL NOTES. **THEORY INTO PRACTICE**, THE COLLEGE OF EDUCATION AND HUMAN ECOLOGY, AUSTRALIA, 2012. DISPONÍVEL EM: <<[HTTPS://DOI.ORG/10.1080/00405841.2012.636324](https://doi.org/10.1080/00405841.2012.636324)>>. ACESSO EM: 20 ABR. 2019.

MENEZES DE SOUZA, L. M. T. PARA UMA REDEFINIÇÃO DE LETRAMENTO CRÍTICO: CONFLITO E PRODUÇÃO DE SIGNIFICAÇÃO. IN: MACIEL, R. F.; ARAUJO, V. A. (ORGS). **FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS**: EXPANDINDO PERSPECTIVAS. SÃO PAULO: PACO EDITORIAL, 2011.

MERELES, C. **NOTÍCIAS FALSAS – PÓS-VERDADE**. 2017. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.POLITIZE.COM.BR/NOTICIAS-FALSAS-POS-VERDADE/](https://www.politize.com.br/noticias-falsas-pos-verdade/). ACESSO EM: 01 SET. 2020.

MONTE MÓR, W. CRÍTICA E LETRAMENTOS CRÍTICOS: REFLEXÕES PRELIMINARES. IN: ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. (ORGS.) **LÍNGUA ESTRANGEIRA E FORMAÇÃO CIDADÃ**: POR ENTRE DISCURSOS E PRÁTICAS. CAMPINAS: PONTES, 2015.

MONTE MÓR, W. CRITICAL LITERACIES, MEANING MAKING AND NEW EPISTEMOLOGICAL PERSPECTIVES. **MATICES EN LENGUAS EXTRANJERAS**, v.1, n. 2, p. 01-18, 2008.

MONTE MÓR, W. CONVERGÊNCIA E DIVERSIDADE NO ENSINO DE LÍNGUAS: EXPANDINDO VISÕES SOBRE A “DIFERENÇA”. **POLIFONIA**, v. 21, n. 29, p. 234-253, 2014.

NOGUEIRA, E; MARCHETTI, G; CLETO, M. L. **GERAÇÃO ALPHA LÍNGUA PORTUGUESA: ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS – 9º ANO**. 2ª Ed. SÃO PAULO: EDIÇÕES SM, 2018.

PEROSA, T. **O IMPÉRIO DA PÓS-VERDADE**. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://EPOCA.GLOBO.COM/MUNDO/NOTICIA/2017/04/O-IMPERIO-DA-POS-VERDADE.HTML](https://epoca.globo.com/mundo/noticia/2017/04/o-imperio-da-pos-verdade.html). 2017. ACESSO EM: 04 SET. 2020.

RAIS, D (ORG.). **FAKE NEWS: A CONEXÃO ENTRE A DESINFORMAÇÃO E O DIREITO.** SÃO PAULO: TOMSOM REUTERS - EDITORA REVISTA DOS TRIBUNAIS, 2018.

RAIS, D. **FAKE NEWS.** SÃO PAULO: TOMSOM REUTERS – EDITORA REVISTA DOS TRIBUNAIS, 2020.

ROCHA, P. G. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA DA GERAÇÃO ALPHA. **WEB REVISTA SOCIODIALETO.** v. 11 n. 31. p. 306-332, 2020. DISPONÍVEL EM: [HTTP://SOCIODIALETO.COM.BR/INDEX.PHP/SOCIODIALETO/INFORMATION/AUTHORS](http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/information/authors). ACESSO EM: 09 SET. 2020.

SANTAELLA, L. **A PÓS-VERDADE É VERDADEIRA OU FALSA?** SÃO PAULO: ESTAÇÃO DAS LETRAS E CORES, 2019.

SANTOS, K. N. **EM BUSCA DA CREDIBILIDADE PERDIDA: A REDE DE INVESTIGAÇÃO JORNALÍSTICA NA ERA DAS FAKE NEWS.** BELO HORIZONTE: EDITORA LETRAMENTO, 2019.

SOUZA, L. M. T. M.; MONTE MÓR, W. AFTERWORD: STILL CRITIQUE? **REVISTA BRASILEIRA DE LINGUÍSTICA APLICADA**, v. 18, n. 2, p. 445-450, 2018.

SUMPTER, D. **DOMINADOS PELOS NÚMEROS: DO FACEBOOK E GOOGLE ÀS FAKE NEWS, OS ALGORITMOS QUE CONTROLAM NOSSA VIDA.** TRADUÇÃO: ANNA MARIA SOTERO E MARCELLO NETO. RIO DE JANEIRO: BERTRAND BRASIL, 2019.